

Ana Beatriz Duarte Vieira | Aristein Tai-Shyn Woo
Jaqueline Freitas Ferreira | Verônica Carneiro Ferrer

(ORGANIZADORES)

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE

Semear, cultivar, florescer e partilhar



Atena
Editora
Ano 2023

VOL 2

Ana Beatriz Duarte Vieira | Aristein Tai-Shyn Woo
Jaqueline Freitas Ferreira | Verônica Carneiro Ferrer
(ORGANIZADORES)

PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE

Semear, cultivar, florescer e partilhar



Atena
Editora
Ano 2023

VOL 2

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina

Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto

Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
 Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes
 Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza
 Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
 Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
 Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
 Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
 Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
 Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
 Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
 Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
 Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
 Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
 Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
 Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia
 Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
 Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
 Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDP
 Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
 Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
 Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
 Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá
 Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
 Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
 Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
 Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
 Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
 Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
 Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio
 Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
 Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
 Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
 Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
 Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
 Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
 Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
 Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
 Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria
 Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
 Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
 Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
 Profª Drª Welma Emídio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Práticas integrativas e complementares em saúde: semear, cultivar,
florescer e partilhar - Volume 2

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Ana Beatriz Duarte Vieira
 Aristein Woo
 Jaqueline de Freitas Ferreira
 Verônica Carneiro Ferrer

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
P912	<p>Práticas integrativas e complementares em saúde: semear, cultivar, florescer e partilhar - Volume 2 / Organizadoras Ana Beatriz Duarte Vieira, Aristein Woo, Jaqueline de Freitas Ferreira, et al. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2023.</p> <p>Outra organizadora Verônica Carneiro Ferrer</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-0913-7 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.137230102</p> <p>1. Saúde. I. Vieira, Ana Beatriz Duarte (Organizadora). II. Woo, Aristein (Organizadora). III. Ferreira, Jaqueline de Freitas (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 613</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
 Ponta Grossa – Paraná – Brasil
 Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

19. Sistema Muscular representando o conhecimento exterior do corpo
20. Microscópio, representando a importância das tecnologias
21. Zé Gotinha, representando as campanhas nacionais, a comunicação em saúde e a Atenção Primária
22. Crânio humano, representando a morte
23. Agente de Saúde e a ação comunitária
24. Louis Pasteur, lembrado por suas notáveis descobertas das causas de prevenção de doenças, uma homenagem a todos os pesquisadores dos campos da Saúde
25. Pajé do Xingu, representando a sabedoria xamânica dos povos originários
26. Mudanças de plantas, representando a ecologia e a auto-gestão
27. Santa Luzia, protetora da visão
28. Saúde da criança
29. Odontologia
30. Globo terrestre, representando a consciência planetária

Forças da Saúde reúne diversas figuras que, juntas, apresentam um panorama ampliado do que venha a ser a promoção do bem-estar coletivo. A ideia nasceu de uma compreensão da Saúde, enquanto fenômeno muito além do simples combate às doenças, ainda que essa esfera também seja contemplada na pintura. Mas é preciso perceber que, em uma era global de acesso à informação, não há razão para considerarmos uma determinada esfera do saber como hegemônica sobre outras até então tidas como minoritárias e mesmo deixadas à margem do processo acadêmico. Dessa forma, o mural se propôs a interligar as tecnologias, as políticas públicas, os saberes ancestrais, a espiritualidade e a ecologia com as principais linhas da formação acadêmica em Saúde: Enfermagem, Nutrição, Farmácia, Odontologia, Saúde Coletiva e Medicina.

Os povos nativos brasileiros estão representados na figura do pajé Xinguano, conhecedor das plantas, do jovem cacique Ashaninka, empenhado em manejar o ecossistema, onde vive, para garantir a preservação da floresta, da raizeira com suas ervas curativas, da parteira com seu conhecimento secular transmitido de geração a geração de doulas. Os aspectos espirituais se fazem presentes na figura de Obaluaê, o orixá da saúde e da doença dentro da cosmologia afro, também de Santa Luzia, a santa protetora dos olhos, Mestre Irineu, um dos pioneiros do uso cerimonial da Ayahuaska no Brasil pós-colonial, e Siriani, a Jiboia Branca - entidade mágica para muitos povos amazonenses - que também pode ser interpretada como a serpente de Asclépio, símbolo mundial da Medicina. Além da figura de Mahatma Gandhi e um Buda em posição meditativa, homenageando as tradições orientais com suas técnicas de yoga, suas noções de centros energéticos (chakras) e a prática da não-violência.

Alternando-se com essas figuras, temos representantes da saúde no contexto da ciência contemporânea O médico, com seu estetoscópio, a enfermeira, ministrando uma transfusão de sangue, uma estante com diversos remédios, o dentista, cuidando da saúde bucal de um adolescente. Há também a figura de Pasteur, homenageando os pesquisadores, e Sérgio Arouca como representante dos sanitaristas dedicados a construir políticas públicas. A Nutrição foi representada pelo filtro de barro – considerado o melhor filtro de água potável do mundo – e as mudas de diversos alimentos, bem como a mãe, amamentando seu bebê.

Assim, **Forças da Saúde** faz jus ao nome na medida em que faz referência a formas distintas de conhecimento unificadas pelo mesmo compromisso de cuidar do próximo, cuidar das crianças, dos adultos, dos idosos, cuidar do planeta e cuidar da vida em suas inúmeras expressões.



Brasília (2015)

Artista plástico

www.tiagobotelho.com.br

PREFÁCIO

Apesar de haver dominado por mais de 50 anos a definição da OMS: *“saúde é não só a ausência de doença, mas um estado de completo bem-estar físico, mental e social”* – com o acréscimo, em 1987, de uma quarta dimensão, o *bem-estar espiritual* –, houve portanto novas estruturas, mais funcionais, para a elaboração de um conceito ampliado de saúde enquanto “um estado dinâmico de completo bem-estar físico, mental, espiritual e social, e não meramente a ausência de doença ou enfermidade.”

Para dar conta desta nova demanda foi necessário resgatar e atualizar racionalidades, conhecimentos e práticas muitas delas ancestrais, geralmente vistos como subjetivos, semeando novas possibilidades terapêuticas, que ganharam cada vez mais respaldo das ciências da saúde e de seus profissionais, constituindo assim as Práticas Integrativas e Complementares de Saúde – PICS. Neste conceito ampliado de saúde o sujeito deve ser encarado em sua plenitude e integralidade, nos aspectos físico, mental, espiritual, social e ecológico.

Estudos já comprovam que a espiritualidade - não necessariamente ligada a uma religião -, por exemplo, tem efeitos positivos sobre quem passa por algum sofrimento, seja físico, emocional ou mental. A resiliência e compreensão ampliada do processo saúde/doecimento colabora na melhoria dos resultados obtidos.

Embora os mecanismos de como os valores espirituais ajam no organismo, provavelmente a partir da integração dos sistemas psico-neuro-endócrino-imunológico, PNEI, que representam hoje o entendimento mais moderno desta interação, estudos continuados são desejados. No entanto a validade destas PICS é legitimada a partir das observações clínicas dos profissionais da saúde associado a satisfação e partilha dos resultados pelos seus praticantes.

No âmbito da pesquisa, os especialistas são rápidos em esclarecer que não se trabalha com religião. “Isso envolve dogmas, crenças, e religiosidade é quando a pessoa tem uma religião e incorpora isso dentro da vida dela. Espiritualidade é um guarda-chuva mais amplo, que agrega quem tem ou não uma crença, e são as emoções, sentimentos que norteiam nossa vida de relacionamento, conosco e com os outros, em casa e no trabalho”, citando o professor doutor Álvaro Avezum, médico cardiologista e diretor de Promoção e Pesquisa do instituto Dante Pazzanese, em “Definição de Espiritualidade e seus impactos na Saúde”.

Independente da vertente, a espiritualidade aumenta as possibilidades de tratamento para vários sofrimentos humanos. Esta abordagem sistêmica da integralidade na saúde, promovida pelas PICS, ainda reduz os custos de uma medicina mecanizada, com exames, medicamentos e procedimentos que a maioria da população não tem acesso, seja pela

falta de oferta do governo ou pelo alto custo.

O grande desafio na implementação destas práticas teria a ver com uma atitude dos profissionais da saúde caracterizada pela recusa em reduzir o usuário ao aparelho ou sistema biológico que supostamente produz o sofrimento e, portanto, a queixa desse paciente. Desta postura profissional corajosa e inovadora nasce a esperança do acolhimento humanizado da totalidade deste sujeito, garantindo a integralidade e boa prática da atenção à sua saúde. A inserção das PICS na formação acadêmica dos profissionais de saúde urge e deve ser estendida e proporcionada também na pós-graduação, garantindo a atualização e oferta continuada destas abordagens integrativas na atenção a saúde.

O reconhecimento de que o ser humano não pode ser resumido a um certo número de recortes patológicos está na base da noção de integralidade das PICS, as quais procuram preservar a totalidade do sujeito, evitando a sua segmentação e considerando-o na sua singularidade. As entidades formadoras devem incorporar estes conhecimentos na oferta de saberes, formando trabalhadores da saúde com visão ampliada e integral do ser humano.

Duas décadas após a aprovação pelo Conselho Nacional de Saúde da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares de Saúde, muito se conquistou na efetiva implantação destas praticas no SUS. Neste sentido o DF semeou e cultivou estas PICS e hoje observa o florescer da prática nos espaços institucionais da SES-DF, entendendo o desafio da disseminação acadêmica deste conhecimento, encontrando força e estímulo na partilha generosa dos seus frutos pelos seus praticantes.

Finalizando vale relembrar o humanista Sérgio Arouca, 2002, que alertava: “Nós fizemos a reforma sanitária que criou o SUS, mas o núcleo dele, desumanizado, medicalizado, está errado. Temos que entrar no coração deste modelo e mudar”. As PICS representam práticas amorosas “de tocar no coração desse modelo e mudar...”

Obrigado pela deferência de prefaciá-lo este E-book, “As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde: semear, cultivar, florescer e partilhar”, que segue na sua missão de estimular o olhar ampliado sobre o sujeito e sua saúde, apresentando instrumentos assertivos e diferenciados na promoção da integralidade da atenção, colaborando, debatendo, discutindo e aperfeiçoando, construindo assim o SUS democrático e participativo que sonhamos, queremos e merecemos ter.

Divaldo Dias Mançano

Homeopata

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto da terra que foi cultivada e semeada por muitas mãos, a partir de uma escrita coletiva cuidadosa, o qual primamos em apresentar o compartilhamento de experiências com as Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS).

A ideia central é propiciar aos leitores, aos profissionais promotores da saúde e aos cuidadores do bem viver, a possibilidade de conhecerem algumas reflexões relacionadas as PICS na perspectiva da gestão, ensino e serviço. Ressalta-se a importância do protagonismo na produção de saúde.

Faz parte dessa escrita a coletânea de seis artigos, sendo este o segundo volume do livro na temática das PICS, publicado por esta editora.

No primeiro e segundo capítulos, semeia-se a terra a partir da gestão. Sob a sensibilidade poética, salienta-se o âmbito da institucionalização das PICS para que o cuidado e a qualidade na oferta possam ser mantidos à população de Brasília, Distrito Federal.

No terceiro, quarto e quinto capítulos, as sementes germinadas em terra fértil florescem por meio do conhecimento acadêmico. A partir da descrição sintética pertinentes ao ensino das PICS, traça-se um paralelo com a maneira de como o cuidado deve ser compreendido e estimulado aos profissionais de saúde durante a sua formação. Aponta-se algumas lacunas relacionadas ao ensino, pesquisa e extensão das PICS nas instituições de ensino superior do país.

O sexto capítulo, ousadamente, os autores destacam como o coração dessa obra. Depois da semente germinada e florescida é compartilhada por narrativas tecidas pelas vivências dos protagonistas, que buscam o seu cuidado, à sua forma de ser saudável e o seu bem viver com auxílio das PICS.

O solo fértil das PICS, assim como uma orquestra de refinadas melodias, apresenta um caminho de cuidado com base na sintonia e harmonia e mostra que cada um de nós pode trilhar por este caminho cuidando de si, do outro, da natureza, do planeta para melhor servir a humanidade.

Por onde trilhamos, desejamos espalhar as sementes das PICS!

Os organizadores.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A GERÊNCIA DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS EM SAÚDE DO DISTRITO FEDERAL,
PREPARANDO O SOLO PARA SEMEAR

Cristian da Cruz Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1372301021>

CAPÍTULO 2..... 16

CENTRO DE REFERÊNCIA EM PRÁTICAS INTEGRATIVAS EM SAÚDE: O CULTIVO
DAS PICS NO DF

Adelyany Batista dos Santos

Aristein Tai-Shyn Woo

Carlos Alberto Camargo Campos

Cecília de Sousa Pereira

Isabele de Aguiar Bezerra

Jeyverson da Silva Ferreira

Joceilson Alves de Sousa

Marcos de Barros Freire Junior

Maria Luísa Alves da Costa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1372301022>

CAPÍTULO 3..... 31

INSERÇÃO DAS PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE NA
FORMAÇÃO ACADÊMICA: FLORESCER O CONHECIMENTO NA GRADUAÇÃO

Ana Beatriz Duarte Vieira

Jaqueline de Freitas Ferreira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1372301023>

CAPÍTULO 4..... 40

A INSERÇÃO DAS PICS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: FLORESCER O CONHECIMENTO
NA EXTENSÃO

Silvia Ribeiro de Souza

Katiuce Dias

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1372301024>

CAPÍTULO 5..... 52

A INSERÇÃO DAS PICS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: FLORESCER O CONHECIMENTO
NA PÓS-GRADUAÇÃO

Mariana André Honorato Franzoi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1372301025>

CAPÍTULO 6..... 62

EOA...ANDO – A PARTILHA DOS FRUTOS NAS TESSITURAS NARRATIVAS DOS

PROTAGONISTAS DAS PICS NO DF

Ana Beatriz Duarte Vieira

Aristein Woo

Jaqueline de Freitas Ferreira

Verônica Carneiro Ferrer

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1372301026>

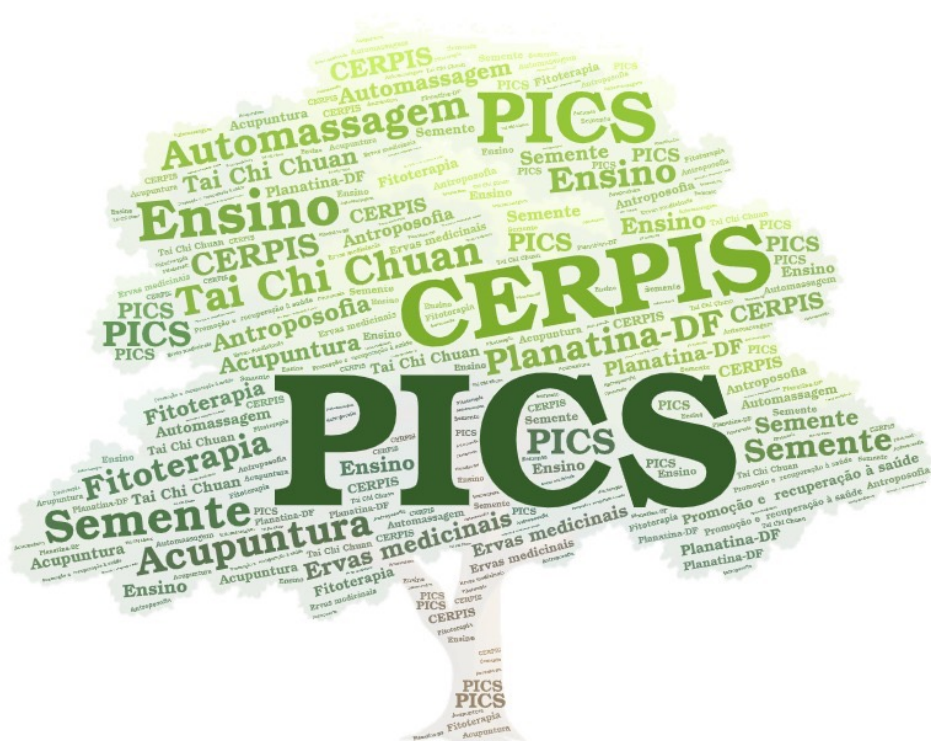
POSFÁCIO 76

ÍNDICE REMISSIVO..... 77

SOBRE OS AUTORES 79

PREPARANDO A TERRA E CULTIVANDO AS SEMENTES

Os artigos do capítulo 1 e capítulo 2 abordam o contexto da gestão das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde no Distrito Federal.



A INSERÇÃO DAS PICS NA FORMAÇÃO ACADÊMICA: FLORESÇER O CONHECIMENTO NA PÓS-GRADUAÇÃO

Data de aceite: 25/10/2022

Data de submissão: 05/08/2022

Mariana André Honorato Franzoi

Universidade de Brasília, Faculdade de Ciências da Saúde Enfermagem
Brasília – DF
<http://lattes.cnpq.br/1504847820182466>
<https://orcid.org/0000-0002-6877-4753>

RESUMO: Este capítulo apresenta, a partir de publicações recentes, um breve panorama sobre a situação formativa em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS), no âmbito da pós-graduação, no Brasil. No cenário atual prevalece a crescente oferta de cursos de especialização *lato sensu* em instituições privadas de ensino, o que deve ser problematizado no âmbito da formação em saúde, já que há uma concepção elitizada e distanciada dos princípios da saúde coletiva e do Sistema Único de Saúde (SUS). Apesar disso, tem sido observado gradativamente um aumento de cursos *lato sensu* e *stricto sensu* em PICS em instituições públicas, a exemplo de cursos de residências com a oferta de disciplinas de PICS, ainda que de caráter optativo e informativo, além de estratégias de formação em serviço com cursos de curta duração, modo presencial ou à distância, voltados principalmente à atenção primária em saúde oferecidas pelo Ministério da Saúde, Secretarias Municipais de

Saúde e conselhos de categorias profissionais, capacitando milhares de profissionais pelo país. O panorama formativo em PICS é diverso, difuso e insuficiente, com limitações na oferta e na qualidade do ensino e sem um padrão formativo mínimo, em especial na determinação mínima de conteúdo e de carga horária teórico-prática, sendo legítima a preocupação com a formação de profissionais de saúde. As diretrizes da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares já apontam muitos caminhos e estratégias para que o conhecimento das práticas integrativas floresça na formação profissional de trabalhadores do SUS, cabem, pois, aos profissionais e serviços de saúde, praticantes das PICS e suas associações, instituições de ensino e órgãos institucionais, juntos, trilharem esses caminhos e transporem os desafios e os empecilhos de forma a assegurar uma formação de qualidade em PICS e, conseqüentemente, a oferta de práticas seguras, eficazes e de qualidade aos usuários de saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Terapias Complementares. Ensino. Educação de Pós-Graduação.

INCLUSION OF INTEGRATIVE AND COMPLEMENTARY HEALTH PRACTICES (ICHPS) IN ACADEMIC TRAINING: FLOURISHING KNOWLEDGE IN GRADUATE STUDIES

ABSTRACT: Based on recent publications, this chapter presents a brief panorama about the training situation in terms of Integrative and Complementary Health Practices (ICHPs), in

the scope of graduate studies in Brazil. In the current scenario there is prevalence of an increasing offer of *latu sensu* specialization courses in private teaching institutions, which must be discussed in the scope of training in health, as there is an elitist conception that is distant from the Collective Health principles and from those of the Unified Health System (*Sistema Único de Saúde*, SUS). Despite that, an increase in the number of *lato sensu* and *stricto sensu* courses in ICHPs has been gradually observed in public institutions, such as residency courses offering ICHPs academic disciplines, even if with an optional and informative character; in addition to in-service training strategies with brief courses, either in-person or at a distance, mainly targeted at Primary Health Care and offered by the Ministry of Health, Municipal Health Departments and councils of professional categories, training thousands of professionals throughout the country. The training panorama in ICHPs is diverse, diffuse and insufficient, with limitations regarding teaching offers and quality and without any minimum training standard, especially in terms of a minimum definition regarding content and theoretical-practical hour load, with a legitimate concern in relation to the training of health professionals. The guidelines set forth in the National Policy of Integrative and Complementary Practices already point to many paths and strategies so that knowledge of the integrative practices flourishes in the professional training of SUS workers; therefore, it is up to health professionals and health services, practitioners of ICHPs and their associations, teaching institutions and institutional bodies to jointly advance through these paths and overcome the challenges and obstacles in order to ensure good quality training in ICHPs and, consequently, provide safe, effective and good quality care practices to users of the health systems.

KEYWORDS: Complementary Therapies. Teaching. Education, Graduate.

1 | INTRODUÇÃO

1.1 A política nacional de práticas integrativas em saúde e suas diretrizes para a formação profissional

As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde (PICS) consistem em terapêuticas oriundas de diferentes culturas, apoiadas em conhecimento secular e também em metodologias científicas contemporâneas, voltadas à promoção da saúde, à prevenção de agravos, aos processos diagnósticos e ao cuidado e à recuperação da saúde a partir de uma visão complexa - integral e multidimensional - do ser humano (VIEIRA, 2021).

A partir de um lente ampliada sobre o ser humano e o universo que o cerca, considerando-o como um todo indivisível e global constituído de dimensões física psicoafetiva, etnocultural, social, ambiental e espiritual, as PICS têm como foco o indivíduo como sujeito ativo, agente de autocuidado, gerador da própria saúde e cura (AGUIAR; KANAN; MASIERO, 2019; VIEIRA, 2021).

As PICS foram institucionalizadas no Sistema Único de Saúde (SUS) no ano de 2006 por meio da Portaria nº 971/2006, que aprovou a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares - PNPIC (BRASIL, 2006a).

A PNPIC contribuiu para dar visibilidade às experiências de PICS já realizadas a nível nacional, evidenciando o pluralismo terapêutico no SUS com ênfase na escuta acolhedora, no desenvolvimento do vínculo terapêutico e na integração do ser humano com o meio ambiente e social (BRASIL, 2006b).

Inicialmente, quando a PNPIC foi lançada, contemplavam-se apenas cinco práticas, a saber: Medicina Tradicional Chinesa/Acupuntura, Homeopatia, Plantas Medicinais e Fitoterapia, além de Termalismo Social/Crenoterapia e Medicina Antroposófica. Porém, entre os anos de 2017 e 2018, incluíram-se 24 novos recursos terapêuticos que totalizam hoje 29 PICS ofertadas no âmbito do SUS (GUIMARÃES et al, 2020).

Apesar da ampliação do rol de práticas integrativas legitimadas e disponibilizadas aos usuários de saúde pública em território nacional, há muitas vicissitudes para, de fato, institucionalizar a PNPIC, entre elas a insuficiência/limitação de profissionais especializados em PICS no SUS, o que dificulta a oferta dessas práticas na saúde pública (AGUIAR; KANAN; MASIERO, 2019; SILVA et al, 2020).

A PNPIC dispõe de muitas diretrizes para implantação e implementação das ações e serviços relativos às PICS no SUS no que tange à formação profissional, dentre as quais se destacam (BRASIL, 2015):

- desenvolvimento de estratégias de formação e qualificação para as categorias profissionais presentes no SUS, em conformidade com os princípios e diretrizes estabelecidos para a educação permanente;
- apoio técnico e financeiro ao desenvolvimento de projetos e programas de formação e educação permanente, que assegurem a especialização e o aperfeiçoamento em PICS aos profissionais do SUS com metodologias e formatos adequados às necessidades e viabilidades loco-regionais;
- divulgação e informação dos conhecimentos básicos das PICS para profissionais de saúde, gestores e usuários do SUS;
- incentivo e apoio ao desenvolvimento de estudos e pesquisa com vistas a subsidiar e aprimorar as PICS no SUS;
- garantia do acesso a insumos necessários para a prática com qualidade e segurança de PICS específicas que requerem recursos;
- estímulo às universidades a inserirem disciplinas com conteúdo voltado às diferentes PICS nos cursos de graduação e pós-graduação;
- fomento e apoio de projetos de residência em PICS junto ao Ministério da Educação.

Diversos desafios se apresentam diante dessas diretrizes para que elas sejam realizadas concretamente no âmbito do SUS, conforme se apresentará a seguir.

2 I BREVE PANORAMA SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PICS NO ÂMBITO DE PÓS-GRADUAÇÃO

A formação profissional em PICS é oferecida majoritariamente em instituições privadas de ensino por meio de cursos de especialização *lato sensu*, o que deve ser problematizado no âmbito da formação em saúde, já que há uma concepção elitizada e distanciada dos princípios da Saúde Coletiva e do Sistema Único de Saúde com modelos educacionais voltados para a realidade da prática do mercado privado (NASCIMENTO et al, 2018; MARQUES, 2020; SILVA et al, 2021).

A ampliação de cursos de especialização em PICS em nível de pós-graduação e comprometida com o SUS é um grande desafio para as Instituições de Ensino Superior públicas no contexto de ensino dessas práticas (NASCIMENTO et al, 2018; TESSER; SOUSA; NASCIMENTO, 2018)

Partindo de estudo que mapeou e analisou a oferta de cursos e disciplinas em PICS em Instituições de Ensino Superior (IES) públicas situadas no Estado do Rio de Janeiro verificou-se que, de um total de 46 disciplinas que contemplavam as PICs nas IES, apenas 7 (15%) estavam vinculadas à pós-graduação, sendo a maioria de modalidade informativa (teórico-conceitual) e optativa. Além dessas disciplinas, identificaram-se três cursos de especialização *lato sensu*, cinco projetos de extensão universitária e duas ligas acadêmicas (NASCIMENTO et al, 2018).

Azevedo e Pelicioni (2011) também identificaram algumas iniciativas na educação superior pública precursoras e potenciais no âmbito da pós-graduação *stricto sensu*, como laboratórios e grupos de pesquisa a exemplo do Grupo de Racionalidades Médicas sediado na Universidade Federal Fluminense, o Laboratório de Pesquisas e Práticas de Integralidade em Saúde (Lappis), da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, o Laboratório de Práticas Alternativas, Complementares e Integrativas em Saúde (Lapacis), na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e o Grupo de Práticas Complementares de Saúde (GPCS) da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo.

Há que se destacar também as crescentes estratégias de formação em serviço com cursos e capacitações de curta duração, modo presencial ou à distância, voltados principalmente aos profissionais da atenção primária em saúde oferecidas pelo Ministério da Saúde por meio do Sistema Universidade Aberta do SUS (UNA-SUS); Programa Nacional de Telessaúde; Programa de Educação Permanente pelo Trabalho – PET-Saúde, além de iniciativas de Secretarias Municipais de Saúde e conselhos de categorias profissionais, com destaque para a enfermagem, capacitando milhares de profissionais pelo país (SILVA et al, 2021).

Exemplo disso é o curso semipresencial de auriculoterapia ofertado em diversas edições pelo Ministério da Saúde em parceria com a Universidade Federal de Santa

Catarina, que certificou aproximadamente 10 mil profissionais de saúde da Atenção Primária em Saúde nos anos de 2016 a 2019. Como impacto parcial dessa ação formativa, verificou-se no último Relatório de Monitoramento Nacional das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde nos Sistemas de Informação em Saúde que a auriculoterapia apresentou aumento expressivo na oferta de procedimentos, sendo essa a prática mais ofertada na Atenção Primária à Saúde (APS) e na Média e Alta Complexidade em 2019, contabilizando 915.779 procedimentos (BRASIL, 2020).

No âmbito de programas de residência verificam-se, ainda que timidamente, algumas experiências exitosas da implementação de PICS, principalmente na atenção primária. Em relato de experiência, Bezerra, Negreiros e Morais (2020) referem ter vivenciado em Programa de Residência em Medicina de Família e Comunidade aulas teóricas pontuais sobre a auriculoterapia, além de estágios em Centro de Práticas Integrativas e Complementares que proporcionaram maior conhecimento sobre as PICs, mas, ainda assim, incipiente para a atuação prática.

Habimorad et al (2020), em revisão da literatura que analisou a produção científica sobre as Práticas Integrativas e Complementares no SUS visando compreender as potencialidades e fragilidades do processo de implantação da PNPIC, destacaram que a baixa oferta de educação em PICS deve-se à baixa demanda de profissional habilitado no SUS, ante a recente implantação da PNPIC e do financiamento limitado voltado para essa política.

Em estudo que buscou compreender como se dá a formação nas PICS na ótica dos profissionais de saúde que as ofertam na APS, os trabalhadores referiram falta de opções educacionais em PICS no SUS, tendo de arcar com os custos da formação em instituições privadas. Quando contemplados com formação oferecida pelo Ministério da Saúde e/ou Secretaria Municipal de Saúde, tratavam-se de capacitações de curta duração, sendo a carga horária reduzida, a falta de estímulo e apoio das gerências dos serviços de saúde para realização da formação, bem como a indisponibilidade de insumos para a implementação da prática nas unidades - alguns dos grandes limitadores para executarem as práticas com segurança na APS (SILVA et al, 2021).

De fato, enquanto há relatos na literatura de cursos de pós-graduação *lato sensu* em PICS, em programas com média de 360 a 1.200 horas/aula que capacitam os profissionais para prestar provas de títulos de especialista junto aos convênios das entidades de classe (MARQUES, 2020; HABIMORAD et al, 2020), há capacitações, especialmente cursos livres em PICS, oferecidas, em grande maioria por instituições de saúde pública, com carga horária total de 20 a 80 horas (MARQUES, 2020; SILVA et al, 2021).

Ademais, quando os profissionais têm formação na área de PICS, nem sempre há acesso a espaço físico e a materiais para executarem suas ações, por vezes, nem mesmo apoio e autorização para realizá-las, o que os estimula a exercerem e restringirem suas

práticas no âmbito privado (GUIAR; KANAN; MASIERO, 2019).

Verifica-se, assim, que a formação de recursos humanos para o exercício de PICS no Brasil é considerada insuficiente e difusa, com limitações na oferta e na qualidade do ensino profissional, o que se configura como um grande desafio para a ampliação dessas práticas no SUS (NASCIMENTO et al, 2018; SILVA et al, 2021).

Embora não haja uma regulamentação clara de critérios mínimos necessários para garantir qualidade na formação para o exercício das diferentes PICS, é importante que os cursos ofertados estejam pautados no compromisso com a saúde da população e além de conteúdo teórico-conceitual que embase o conhecimento das práticas, que incluam informações sobre o SUS (princípios e organização) e ampla carga horária prática por meio de estágio supervisionado com devido acompanhamento de profissional qualificado e experiente (ABRASCO, 2020).

Durante a pandemia de Covid-19, mais do que nunca a modalidade de ensino EAD se mostrou oportuna, mas é controversa na área da saúde, já que cursos online podem ser informativos, mas não formativos¹, pois a formação para a prática clínica e o exercício de PICS requerem supervisão cuidadosa do aluno-profissional durante o atendimento individual ou coletivo, de forma a minimizar riscos e prejuízos potenciais para os usuários de saúde, alvos das PICS (ABRASCO, 2020).

Diante de um panorama formativo diverso e difuso que implica em ausência de padrão formativo mínimo, em especial na determinação mínima de conteúdo e de carga horária teórico-prática, sem dúvida, é legítima a preocupação com a formação de profissionais de saúde, de fato, capacitados em PICS, de forma a garantir uma prática segura, eficaz e de qualidade aos usuários de saúde (MARQUES, 2020).

É premente que o ensino das PICS seja ofertado ao longo da formação profissional de estudantes da área de saúde, da graduação à pós-graduação, com possibilidade de qualificação prática, o que exige ações macropolíticas educacionais envolvendo Ministérios da Educação e da Saúde em um processo participativo e colaborativo de construção de critérios para a formação em PICS, com a participação de profissionais e serviços de saúde, praticantes das PICS e suas associações, além de instituições de ensino. (TESSER; SOUSA; NASCIMENTO, 2018; ABRASCO, 2020).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

O panorama formativo em PICS em nível de pós-graduação é diverso, difuso e insuficiente, com limitações na oferta e na qualidade do ensino profissional e sem um

1. Cursos formativos priorizam o desenvolvimento de habilidades e capacitação para a atuação profissional com PICS. Já os cursos informativos se voltam para contato introdutório, reconhecimento e experimentação das práticas de forma a aconselhar usuários sobre seu uso, mas sem aplicá-las (BARBONI; CARVALHO, 2021).

padrão formativo mínimo, em especial na determinação mínima de conteúdo e de carga horária teórico-prática.

Apesar do aumento gradativo de cursos *lato sensu* e *stricto sensu* em PICS em instituições públicas, a formação nessas práticas concentra-se no setor privado, principalmente por meio da oferta de cursos de especialização, o que se configura como um grande desafio para o fortalecimento da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a ampliação das PICS no SUS, uma vez que a formação está voltada à realidade da prática privada e mercantil, desviando-se das necessidades e princípios da APS e do SUS.

Não obstante se reconheça o empenho dos praticantes/profissionais de saúde do SUS em busca de uma formação de qualidade em PICS, estes ainda se deparam com a indisponibilidade de espaço físico e insumos e, até mesmo, falta de apoio e incentivo de gestores para realização de suas práticas, o que os incita a exercerem-nas e restringirem-nas, ainda mais, ao setor privado.

Nada contra a oferta de PICS nos serviços privados de saúde, mas ao se dispor de uma política pública de saúde específica no SUS, é necessário que as práticas integrativas sejam conhecidas e acessíveis gratuitamente a todo cidadão que deseje se beneficiar delas.

As diretrizes da PNPIC já apontam muitos caminhos e estratégias para que o conhecimento das práticas integrativas floresça na formação profissional de trabalhadores do SUS, cabem, pois, aos profissionais e serviços de saúde, praticantes das PICS e suas associações, instituições de ensino e órgãos institucionais, juntos, trilharem esses caminhos e transporem os desafios e os empecilhos de forma a assegurar uma formação de qualidade em PICS e, conseqüentemente, a oferta de práticas seguras, eficazes e de qualidade aos usuários de saúde.

REFERÊNCIAS

ABRASCO. GT Racionalidades médicas e práticas integrativas complementares. **Nota técnica sobre formação em RM-PICS**, 2020. Disponível em: <https://www.abrasco.org.br/site/gtracionalidadesmedicasepraticasintegrativascomplementares/2020/04/24/nota-tecnica-sobre-formacao-em-rm-pics/>

AGUIAR, J.; KANAN, L. A.; MASIERO, A. V. Práticas integrativas e complementares na atenção básica em saúde: um estudo bibliométrico da produção brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 43. n. 123, p. 1205-18, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-1104201912318>

AZEVEDO, E.; PELICIONI, M. C. F. Práticas integrativas e complementares de desafios para a educação. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 361-78, nov. 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-77462011000300002>

BARBONI, V. G. A. V.; CARVALHO, Y. M. Práticas integrativas e complementares em saúde na formação em educação física: avanços, desafios, velhos e novos embates. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 30, n. 3, e200872, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200872>

BEZERRA, V. O.; NEGREIROS, R. A. M.; MORAIS, M. S. T. Práticas integrativas e complementares na residência em Medicina de Família e Comunidade: um relato de experiência. **Revista Brasileira de Medicina de Família e Comunidade**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 42, 2087, 2020. Disponível em: <https://rbmfc.org.br/rbmfc/article/view/2087>

BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n. 971 de 3 de maio de 2006. Aprova a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares (PNPIC) no Sistema Único de Saúde. **Diário Oficial da União**, Poder Executivo, Brasília, DF, 04 mai. 2006a. Seção 1, p. 20.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006b. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pnpic.pdf>

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS: atitude de ampliação de acesso**. 2 ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/politica_nacional_praticas_integrativas_complementares_2ed.pdf

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Saúde da Família. Coordenação de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde. **Relatório de Monitoramento Nacional das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde nos Sistemas de Informação em Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/documentos/pics/Relatorio_Monitoramento_das_PICS_no_Brasil_julho_2020_v1_0.pdf

GUIMARÃES, M. B. et al. As práticas integrativas e complementares no campo da saúde: para uma descolonização dos saberes e práticas. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 29, n. 1, e190297, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020190297>

HABIMORAD, P. H. L. et al. Potencialidades e fragilidades de implantação da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 2, p. 395-405, fev. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232020252.11332018>

MARQUES, J. V. **Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares do SUS: um olhar sobre a formação profissional**. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Educação Profissional em Saúde) - Fundação Oswaldo Cruz, Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional em Saúde, 2020. Disponível em: https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/43579/4/Joyce_Viana_Marques_EPSJV_Mestrado_2020.pdf

NASCIMENTO, M. C. et al. Formação em práticas integrativas e complementares em saúde: desafios para as universidades públicas. **Trabalho, Educação e Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 751-72, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00130>

SILVA, G. K. F. et al. Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares: trajetória e desafios em 30 anos do SUS. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, n. 1, e300110, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312020300110>

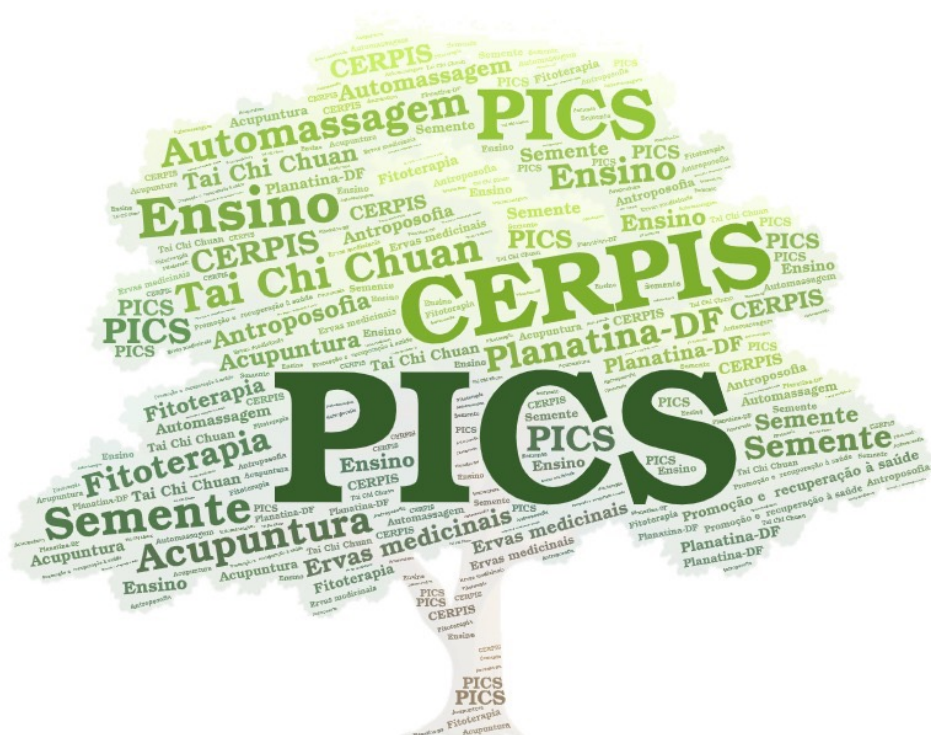
SILVA, P. H. B. et al. Formação profissional em Práticas Integrativas e Complementares: o sentido atribuído por trabalhadores da Atenção Primária à Saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 2, p. 399-408, fev. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232021262.40732020>

TESSER, C. D.; SOUSA, I. M. C.; NASCIMENTO, M. C. Práticas Integrativas e Complementares na Atenção Primária à Saúde brasileira. **Saúde em Debate**, Rio de Janeiro, v. 42, n. (esp 1), p. 174-88, set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0103-11042018S112>

VIEIRA, A. B. D. Práticas integrativas e complementares: as forças do cuidado e da saúde em tempos de pandemia. In: _____ (org.). **As práticas integrativas e complementares como instrumentos de saúde e cuidado em tempos de pandemia**. Ponta Grossa: Atena, 2021. p. 1-14.

PARTILHANDO A COLHEITA DOS FRUTOS DAS PICS

Os artigos do capítulo 6 abordam as narrativas dos protagonistas do Centro de Referência em Práticas Integrativas e Complementares em Saúde do Distrito Federal. Esse capítulo contém “gotas de histórias de vida” tendo um especial brilho e um grande valor.



Este livro é importante para todxs gestorxs e trabalhadorxs de saúde, bem como para pesquisadorxs, professorxs e estudantes do campo da saúde. Trata-se de uma leitura imprescindível, não apenas porque alcança um largo espectro de experiências de gestão, assistência e ensino, mas porque discute e problematiza eventos contemporâneos do projeto pioneiro do Distrito Federal de ampliar a cultura de cuidado com Práticas Integrativas e Complementares.

Nelson Filice de Barros



Este livro é importante para todos os gestores e trabalhadores de saúde, bem como para pesquisadores, professores e estudantes do campo da saúde. Trata-se de uma leitura imprescindível, não apenas porque alcança um largo espectro de experiências de gestão, assistência e ensino, mas porque discute e problematiza eventos contemporâneos do projeto pioneiro do Distrito Federal de ampliar a cultura de cuidado com Práticas Integrativas e Complementares.

Nelson Filice de Barros

